

TERENO*, MARIA DO CÉU SIMÕES, PEREIRA**,
MARÍZIA M. D. & TERENO***,
ANTÓNIO VITORINO SIMÕES

* Departamento de Arquitectura

** Departamento de Paisagem, Ambiente e Ordenamento

*** Mestre em História Contemporânea

Universidade de Évora, Rua Romão Ramalho, 59, 7000 Évora. Portugal

e-mail: ceutereno@gmail.com; mariziacmdp3@gmail.com; atereno@netcabo.pt

01 //

IMPLANTAÇÃO E ARQUITECTURA DE CONVENTOS FRANCISCANOS E SEU ENQUADRAMENTO PAISAGÍSTICO NO DISTRITO DE ÉVORA (PORTUGAL).//

ISBN: 978-848005139-2

Resumo: O objectivo do presente trabalho destina-se ao estudo dos locais de implantação dos conventos da Ordem Franciscana no sul de Portugal. Assim, irá procurar estabelecer-se, se possível, as semelhanças ou dissimilaridades da sua ocupação e utilização funcional após a exclausuração das Ordens Religiosas em Portugal. Para além dos locais de implantação dos conventos desta ordem mendicante, parece de interesse procurar entender qual seria o enquadramento paisagístico que teve à data da sua instituição, e, fazer uma análise comparativa com a situação actual. Deste modo, pela conjugação dos edifícios propriamente ditos e seus enquadramentos paisagísticos, procurar-se-á entender a selecção dos locais onde foram erigidos conventos da Ordem Franciscana, na região eborense.

Palavras-chave: Arquitectura. Paisagem. Conventos.

Summary: The aim of this work is intended to study the locations of the convents of the Franciscan Order in the south of Portugal. Therefore, it will seek to establish, if possible, the similarities or dissimilarities of their occupation and use functional after exclausuration of religious orders in Portugal. In addition to the locations of the order of mendicant convents, seems of interest to try to understand what the landscape that had the date of their establishment and make a comparative analysis with the current situation. Thus, the combination of the buildings themselves and their landscape, an attempt is to understand the sites where they were erected convents of the Franciscan Order in the Évora.

Keywords: Architecture. Landscape. Convents.

Introdução

O presente estudo pretende abordar alguns dos conventos que foram implantados em território português desde a Idade Média, e, avaliar a sua integração na paisagem natural, a qual cobre a vegetação natural circundante, dando-nos um indício de vestígios daquilo que poderá ter ocorrido e que chegou até aos nossos dias. A harmonia que existe entre a paisagem alentejana, a sua vegetação e as construções que nelas se integram, convidam à reflexão da essência do franciscanismo – a austeridade e pobreza¹.

¹ São Francisco de Assis, de seu nome Giovanni di Pietro di Bernardone (1181/2-1226), fundou a ordem mendicante dos Frades Menores, após uma juventude irrequieta e mundana. Voltado para uma completa pobreza, renovou o Catolicismo do seu tempo. A pregação itinerante constituía uma novidade nessa altura, pois os religiosos estavam mais fixados aos mosteiros rurais. A novidade não se esgotava aqui – a sua crença no Evangelho e a sua determinação em segui-lo à risca, imitando a vida de Cristo, levou-o a dedicar-se aos pobres e à sua problemática mundana. O seu estilo de vida e a dos seus freis,

Breves notas históricas

A Ordem religiosa foi fundada por São Francisco de Assis, O.F.M.² segundo regra própria, e aprovada pelo papa Inocêncio III, em 1223. As controvérsias religiosas dos séculos XIII e XIV levaram a numerosas divisões internas, provocando uma cristalização de posições, vertendo-se estas em duas grandes tendências: a dos Claustrais ou Conventuais, mais tolerante que a dos Observantes que tentavam seguir uma disciplina e regras mais rigorosas que a primeira forma. Este rigor levou a que existisse um trânsito entre estas tendências, pois nem sempre os seus congregantes se encontravam à altura dos sacrifícios que se impunham. A tendência da Observância ramificou-se em várias vertentes de entre as quais resultou a «Estrita Observância», a mais severa de todas. Os franciscanos portugueses acabaram por congregar-se em torno deste ramo, a rigorosíssima «Estrita Observância».

No século XVIII, em Portugal, estavam constituídas sete províncias: a de Portugal e a dos Algarves, no âmbito da «Observância», e as da Piedade, da Soledade, de Santo António, da Conceição e da Arrábida, no âmbito da «Estrita Observância». Em Portugal existiram também Capuchinhos, i.e., Franciscanos da «Estrita Observância», de origem francesa e independentes do Geral dos Franciscanos; tiveram apenas um hospício, em Lisboa, fundado em 1649, que servia como ponto de apoio às missões que estabeleceram em África e no Brasil.

A família franciscana compreende ainda os Missionários Apostólicos, fundados por Frei António das Chagas (1631-1682), em 1680 no convento do Varatojo de onde partiram depois os fundadores de outras quatro casas do mesmo ramo (Brancales, Vinhais, Mesão Frio e Falperra), todas elas directamente dependentes do Ministro Geral. Todas as casas masculinas franciscanas foram extintas em 1834. Aos Franciscanos ou Frades Menores³ estavam associadas comunidades femininas

leveu-o a ser tido em conta por parte da Igreja de Roma, numa época menos feliz, onde contrastava a sua austeridade paupérrima com a opulência de Roma. A imitação que São Francisco fez de Jesus Cristo, levou a que fosse um seguidor muito observante. A analogia bíblico-franciscana encontra a sua primeira expressão na carta de frei Elias a todas as províncias da Ordem, por ocasião da morte de São Francisco. É composta por três associações: Cristo-Francisco, Jacó-Francisco e Moisés-Francisco. São Francisco irradiava amor por todos os seres vivos, pela criação do Senhor – é disso sintomático o seu sermão aos pássaros, onde se refere a eles como seus «irmãozinhos alados». O seu sermão aos pássaros só encontra rival noutro franciscano – o sermão aos peixes, de Santo António, embora este último tivesse um cariz mais intelectual.

² OFM – *Ordo Fratrum Minoru* (Ordem dos Frades Menores) ou Franciscanos, fazendo parte das chamadas ordens mendicantes, são uma fraternidade de irmãos clérigos e leigos, sacerdotes e não sacerdotes, com iguais direitos e obrigações. A sua vida resume-se a três votos basilares, nos quais alicerçam a sua vida quotidiana: pobreza, castidade e obediência. Organizam-se em Províncias, espalhadas por todo o Mundo, sob a protecção de um Governo-Geral, sediado em Roma. Esta ordem foi restaurada em 1981, após a sua extinção, conjuntamente com outras ordens religiosas, em 1834, altura em que Joaquim António de Aguiar (1792-1884), apodado de Mata frades, fez incorporar na Fazenda Nacional todos os seus bens. Esta medida que decretou, foi guindada pelas circunstâncias e, insistentemente reclamadas pela opinião pública, embora haja autores que sustentam que esta medida foi um subterfúgio que não teve qualquer influência decisiva na recuperação económica, sendo por isso dispensável.

³ Os Frades Menores chegaram a Portugal, provavelmente, em 1217. Devido à má impressão causada pelos seus andrajos, assim como a língua estranha com que comunicavam entre si e com a população, foram tomados como hereges e não lhes era permitido que habitassem entre a população autóctone. Apelaram para a Rainha D. Urraca (1187-1220), que os mandou examinar. Cf. *CRÓNICA da Ordem dos Frades Menores (1209-1285) I*, (editada por José Joaquim Nunes). Coimbra, Imprensa Universitária. 1918, vol. 1, p.

e agrupamentos de leigos que pretendiam seguir o espírito de São Francisco. Estes três ramos constituíram respectivamente a Primeira Ordem, a Segunda Ordem, e a Terceira Ordem. Os conventos femininos portugueses (da Segunda Ordem) seguiam normalmente a Regra de Santa Clara de Assis (1194-1253), aprovada em 1253, ou a mais suave que lhes foi concedida pelo papa Urbano IV (1195-1264), em 1263; dependiam da Província de Portugal ou da Província dos Algarves; não havia conventos femininos nas províncias da «Estrita Observância». A partir de 1548 fundaram-se também outros mosteiros femininos que seguiam a Regra de 1253 ou a de 1263, mas dependentes do ordinário do lugar e não das províncias masculinas de Observantes e que eram conhecidas como «Claristas» ou «Clarissas».

A Ordem Terceira que, inicialmente, só agrupava leigos sem vida comunitária, cedo começou a congregar também comunidades masculinas e femininas, embora sem uma organização comum e com uma vida regular por vezes efémera e atravessada de conflitos de jurisdição. Em Portugal, depois de longos períodos de controvérsias e de soluções canónicas efémeras acabou por se dividir em dois núcleos, ambos com religiosos sujeitos a votos: o da Ordem Terceira da Penitência, cujo principal convento foi o de Jesus, em Lisboa, e que desde 1586 dependia directamente do Geral dos Observantes, mas que em 1780 se tornou uma Congregação autónoma; e o da Congregação de Nossa Senhora da Conceição de Oliveira do Douro, fundada em 1681 e sujeita ao Provincial da Província de Portugal desde 1688.

Existiram também comunidades masculinas e femininas que se consideravam «Terceiros», sem votos religiosos, e muitas das quais de vida efémera. Estas comunidades eram chamadas «recolectas» se eram masculinas, e «recolhimentos» se eram femininas; às Terceiras que viviam em comum chamavam-se também «mantelatas». Os autores franciscanos consideram também como incluída nesta família as Concepcionistas, fundadas em Toledo em 1484, pela Beata Beatriz da Silva (1424-1492), portuguesa e aprovadas pelo papa em 1511 como dependentes do Geral dos Franciscanos.

A Província de Portugal da Ordem Franciscana, cujo nome oficial é Ordem dos Frades Menores (O.F.M.), de onde deriva também o nome de Menoritas, é também chamada Ordem Seráfica. Foi fundada em 1517 e tem uma história muito complexa. Os franciscanos que se estabeleceram em Portugal no ano de 1216 ou 1217 dependiam desde 1219 da Província franciscana da Hispânia. Esta província foi dividida em três cerca de 1239, ficando incluídos na Província de Santiago, também chamada por

15 e ESPERANÇA, Fr. Manoel da, *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores na Província de Portugal*, Lisboa: Officina Craesbekiana, 1656, Parte I, p. 61, mencionam o receio da população local, ante aquele novo tipo de religiosos, de fala estranha e modos rústicos. Relativamente à chegada dos Frades Menores a Portugal, Alexandre Herculano, considera-os como uma “nova ordem”, diferente das antigas. Para Alexandre Herculano, a situação do clero regular, em Portugal, era bastante análoga à situação que era vivenciada na Europa, como um todo. Desde o século X a disciplina monástica afrouxou e a corrupção imperava, apesar das sucessivas reformas dos séculos X e XII. Cf. HERCULANO, Alexandre, *História de Portugal. Desde o começo da Monarquia até ao fim do reinado de Afonso III*, Tomo II, Lisboa: Livraria Bertrand, 1981, p. 304. Alexandre Herculano traçou, com cores sombrias, a realidade do clero regular português à chegada dos Frades Menores a Portugal: «As congregações antigas eram corpos privilegiados, ricos, poderosos e, portanto, ligados naturalmente à nobreza», cf. Alexandre Herculano, *op. cit.*, p. 304. José Mattoso é concordante com esta posição de Alexandre Herculano, quanto à situação do clero, em Portugal, no século XIII – cf. MATTOSO, José, *Portugal Medieval. Novas Interpretações*, 2. Ed., Lousã: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1992, pp. 101-122; 389-408 e ss.

vezes de Portugal, formando uma «custódia»⁴. Existiam em Portugal desde 1392, comunidades franciscanas oriundas de Castela, que interpretavam a vida religiosa de forma mais austera, a que chamaram «Observantes», por oposição aos primeiros, designados por «Claustrais» ou «Conventuais».

Além dos conventos que fundaram, começaram a «reformatar» alguns dos antigos conventos já erigidos. Em 1447, formaram uma Vigararia. Depois de um período de oscilação de obediências e de tensões, as duas famílias separam-se claramente em duas províncias independentes, em 1517: a Província da Observância de Portugal, dos Claustrais, com sede em São Francisco do Porto, e a da Província de Portugal da Regular Observância, com sede em São Francisco da cidade de Lisboa. A primeira Província foi extinta oficialmente em 1567, e os conventos foram entregues à obediência dos Observantes. A perturbação que daí resultou prolongou-se até 1584, data em que o ramo claustral terminou de facto⁵. É muito interessante a respeito de 6.º cap. da Regra do fundador, São Francisco de Assis que estabelece um padrão de conduta que levantou questões práticas com as quais tinham que lidar e que nem sempre foram consensuais⁶.

⁴ A custódia é um conjunto de casas ou subdivisão geográfica da Província, com sede em Lisboa. Em 1272, autonomizou-se a custódia de Coimbra, e, em 1331, a custódia de Évora. Isto fez com que a parte portuguesa da Província ficasse dividida em três custódias. Em 1384, tendo os franciscanos de Leão, Castela e Galiza optado pela obediência ao papa de Avinhão (cf. Grande Cisma do Ocidente), e os de Portugal, ao papa de Roma, passaram estes a obedecer de facto ao Ministro-Geral romano. Esta situação foi sancionada oficialmente em 1417 e a Província de Portugal reconhecida canonicamente em 1421.

⁵ Nesta época já a Província de Portugal (observante) se tinha dividido em duas, a de Portugal, cuja sede continuou em São Francisco da cidade de Lisboa, e a dos Algarves, com sede em São Francisco de Xabregas, sendo esta constituída sobretudo por conventos situados a sul do Tejo, em 1532. Os conventos da Madeira, que em 1584 passaram também à Província da Observância de Portugal, constituíram-se como custódia independente em 1683, por patente do Ministro Geral, executada no Capítulo Provincial de 23 de Setembro de 1702. Esta custódia veio a ser denominada de Santiago Menor da Ilha da Madeira. A Província de Portugal da Regular Observância, herdeira de toda a tradição franciscana portuguesa, foi extinta em 1834. Os Observantes que entraram em Portugal em 1392 (observantes «antigos») não devem ser confundidos com outras famílias franciscanas também chamadas «observantes», mas fundadas em Portugal a partir de 1500 (e por isso classificadas como «observantes modernos» ou da mais «estreita observância»). A estes chamaram-se popularmente «Capuchos». A Província de Portugal possuía, ainda, jurisdição sobre alguns conventos de religiosas franciscanas, uns seguidores da regra de Santa Clara, aprovada em 1253, e outros da regra de Urbano IV (urbanistas), publicada em 1263. Tal como os conventos masculinos, também as casas femininas foram progressivamente passando à Observância. Cf. *Inventário: ordens monástico-conventuais: Ordem de São Bento, Ordem do Carmo, Ordem dos Carmelitas Descalços, Ordem dos Frades Menores, Ordem da Conceição de Maria*. Coord. José Mattoso, Maria do Carmo Jasmins Dias Farinha. Lisboa: Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, Direcção dos Serviços de Arquivística, 2002, ISBN 972-8107-63-3, 438 pp., pp. 183-184; 190-191.

⁶ «Franciscanos – 1. Sempre a Ordem Franciscana fez questão em ser fiel ao 6.º cap. da Regra do fundador, S. Francisco de Assis, designadamente quando prescreve que «os frades nada tenham de seu, nem casa, nem lugar, nem coisa alguma». Estas palavras foram objecto de muita discussão dentro da Ordem e no seio da Igreja Romana, a ponto de terem sido necessárias as chamadas autênticas *Declarações Pontifícias* – textos jurídicos posteriormente incorporados no Direito Canónico. Fundamentalmente está em causa a questão da *posse* e do *usufruto* dos B. ou da propriedade. Propriedade que podia ir desde os simples ermitérios e oratórios aos convs., ou do pequeno quintal à roda da casa a um terreno mais amplo denominado *cerca*. Estes edifícios e terrenos eram em geral construídos e oferecidos por benfeitores e amigos espirituais – reis, nobres, fidalgos, cidades e outras entidades ou até o simples povo que desejava os franciscanos no seu meio. Fosse, porém, qual fosse a origem de tais fundações, o certo é que os religiosos jamais se consideravam «proprietários» ou «senhores» das suas casas ou terrenos: a

Os conventos franciscanos que serão objecto do nosso estudo situam-se na província dos Algarves, pertencendo todos ao distrito de Évora.

Breves notas sobre a paisagem alentejana

Foram objecto de estudo paisagístico, as zonas de implantação dos conventos de Portel, Redondo, Viana do Alentejo e Vila Viçosa pertencentes à Ordem Franciscana na região de Évora.

Numa breve caracterização do território alentejano onde está instalado o património franciscano analisado, verificou-se que apresentava um relevo ondulado suave, cortado por serras de pequena altitude do qual se destacavam o Mendro, Monfurado e Ossa, em solos de origem granítica e xistosa, com excepção das regiões de Estremoz e Vila Viçosa, que eram ricos em carbonatos metamórficos paleozóicos. Por se situar no sul de Portugal, enquadrou-se no clima mediterrâneo, caracterizado por um Inverno húmido e fresco e um prolongado período estival, quente e seco.

A partir da bibliografia consultada sobre a região em estudo, concluiu-se que já em tempos imemorráveis, eram dominantes as grandes manchas de sobreirais e azinhais bem desenvolvidos, estruturados e impenetráveis que, apesar da progressiva degradação que têm vindo a sofrer, ainda foi possível identificar a vegetação natural. Para isso seleccionaram-se nas proximidades dos conventos, áreas residuais de vegetação natural, com poucos vestígios da acção antropozoogénica traduzida, neste caso, por pastoreio de ovinos e práticas agrícolas. Os resultados alcançados foram positivos pois contribuíram para o conhecimento da provável vegetação natural que poderia ter existido nas épocas de implantação dos conventos.

A vegetação natural

Os bosquetes perenifólios que são conjuntos de árvores, cujas copas não formam coberturas contínuas representam, de uma maneira geral, a etapa climática dos habitats onde se encontram. Na região estudada, eram constituídos por diversas espécies e apresentavam estruturas complexas, multi-estratificadas, com vários arbustos e herbáceas nos sob cobertos. Foram identificadas na região duas formações: os azinhais e os sobreirais. Os primeiros, de microclima continental, estavam dominados por azinheiras (*Quercus rotundifolia*), catapereiros (*Pyrus bourgaeana*) e zambujeiros (*Olea europaea*). A diversidade e a quantidade das espécies que compunham os sub-bosques eram relativamente pobres devido ao clima seco e às geadas tardias. Apesar de ser uma comunidade relativamente comum no Alentejo,

propriedade permanecia em posse, quer dos doadores, quer, quando estes de outra forma dispunham, em posse da Igreja; os seus B. eram, tal como ainda hoje são, pertença da Igreja. Foi necessário que a St.^a Sé assumisse a responsabilidade da propriedade ou dos B. postos ao serviço dos franciscanos, nomeando para o efeito os chamados *síndicos apostólicos*. Estes administravam-lhes as propriedades e B. em nome da Sé Apostólica. Eram, geralmente, leigos alheios à Ordem. Primeiramente, nomeava-os a St.^a Sé; em seguida, puderam ser nomeados pelos superiores da Ordem, dentre os benfeitores ou amigos espirituais; por fim, acabaram por poder ser membros da própria Ordem. Graças a esta solução, ficaram os franciscanos com o uso e usufruto dos B. ao passo que a propriedade ficava nas mãos da Sé Apostólica ou dos próprios doadores, consoante os casos, sendo por isso absolutamente proibido aos franciscanos alienar todos e quaisquer bens afectos ao serviço da Ordem (cf. Lotar Hardick, ofm, *Directório da Regra de S. Francisco*, Petrópolis, 1958, 81-83). [...]», Cf. ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Coimbra 1910-192; 2.^a Ed. Dir. Damião Peres, Barcelos 1968-1971.

são raros os azinhais bem conservados, visto que a maioria deles estão transformados em montados⁷, com aproveitamento agro-silvo-pastoril. Nas áreas mais frescas e húmidas, encontravam-se os sobreirais, (*Quercus suber*) com medronheiros (*Arbutus unedo*) e lentiscos (*Phillyrea angustifolia*), alguns deles, em bom estado de conservação, principalmente na região de Portel. Infelizmente, tal como aconteceu com os azinhais, muitos deles estavam transformados em montados.

Os matagais que marginaavam ou substituíam os azinhais e os sobreirais formavam mantos arbustivos com diversos fanerófitos (meso, micro e nano) e trepadeiras. Caracterizavam-se pela elevada proporção de plantas de folhas grandes, algumas caducifólias e pouco espinhosas, conferindo um aspecto impenetrável. Eram comuns os medronhais (*Arbutus unedo*), as murteiras (*Myrtus communis*), os zambujais (*Olea europaea*) e os carrascais (*Quercus coccifera*). Os matos de leguminosas de porte médio, constituídos por micro ou nanofanerófitos, encontravam-se bem desenvolvidos em solos siliciosos profundos e, podiam representar a orla ou a primeira etapa regressiva dos bosquetes de azinheira (*Quercus rotundifolia*). Os mais comuns eram os piornais (*Retama sphaerocarpa*) e os giestais (*Cytisus scoparius* subsp. *scoparius*), característicos pelo tom amarelo das flores na Primavera.

Os matos baixos apresentavam densidades variáveis e eram tipicamente mediterrânicos. Dominavam os nanofanerófitos e caméfitos de exigências heliófilas, xerófilas e acidófilas, com vários tipos de estevas (*Cistus* spp.) e rosmaninho (*Lavandula* spp.). Preferiam microclimas secos e solos siliciosos erodidos e constituíam as etapas mais avançadas de degradação dos azinhais e sobreirais.

Os arrelvados xerófiticos eram dominados por herbáceas acidófilas e neutrófilas, em solos com reduzida humidade edáfica, onde adquiriam características xeromórficas. De uma maneira geral, o factor edáfico, condicionava naturalmente o tipo de espécies que ocorriam nestes habitats.

Nas ribeiras e linhas de água ocorriam os freixiais (*Fraxinus angustifolia*) que são as comunidades mais comuns na região alentejana. Os troços com caudais irregulares estavam dominados pelos salgueirais de borrazeira-branca (*Salix salviifolia* subsp. *australis*), choupais (*Populus nigra*), tamargais (*Tamarix africana*) e tamujais (*Flueggea tinctoriae*) em zonas com desequilíbrios hídricos e xerotermias estivais que impediam os desenvolvimentos normais dos bosquetes ripícolas.

Material e métodos

Efectuaram-se visitas de campo para analisar as vegetações naturais e as envolvências paisagísticas de alguns dos conventos franciscanos do distrito de Évora. Realizaram-se pesquisas em relação às floras e vegetações naturais e à presença do homem na paisagem envolvente aos conventos seleccionados. Em simultâneo foi

⁷ O Montado é um ecossistema muito particular, criado pelo Homem. O Montado em Portugal assume uma importância preponderante na economia, tenha-se em conta a realidade da indústria corticeira, que extrai a cortiça dos sobreiros (*Quercus suber*). É esta casca do sobreiro, a cortiça, que protege a própria árvore dos incêndios, constituindo-se numa espécie bastante resistente ao fogo. Os Montados, para além da produção da cortiça, integram por vezes, a criação de espécies produtoras de leite e de carne de elevada qualidade. Não será também despidendo valorizar o papel da existência da bolota, que cresce nas folhas do sobreiro e que é utilizada muitas vezes como um dos vários componentes da alimentação do Porco e do Porco Preto. Os Montados desempenham funções importantes na conservação do solo, na qualidade da água e na produção de oxigénio.

feito um levantamento fotográfico dos aspectos arquitectónicos mais relevantes dos conventos em apreço, para posterior estudo conjunto com a paisagem envolvente. De salientar que dos conventos foram considerados, como aspectos de maior relevância, neste caso, a sua implantação, o seu aspecto exterior, e o que era observável dos pontos mais significativos dos mesmos. Foram tomadas em consideração as fontes cartográficas colocadas à disposição, quer através das Cartas Militares de Portugal, quer através do Instituto Geográfico do Exército⁸.

Resultados

Foram seleccionados alguns dos conventos existentes no distrito de Évora:

Igreja e Convento de São Francisco⁹ – Arraiolos

Património construído: Localiza-se o convento da Província da Terceira Ordem da Penitência de São Francisco, actualmente na malha urbana de Arraiolos¹⁰, mas ocupou à data da sua fundação um outeiro isolado encontrando-se por isso muito integrado na paisagem.

A sua fundação remonta aos inícios do século XVII, tendo sido terminado em 1633. Ainda nessa centúria, foi alvo de melhoramentos no seu interior, nomeadamente nos anos de 1697 e já no século seguinte, em 1718 e 1721. Posteriormente foi necessário proceder a reparações para colmatar os problemas surgidos em consequência do terramoto de 1755¹¹. Nessa altura foi acrescentado o refeitório. É desconhecido o seu fundador, como se pode aferir de documento coevo: «[...] Tem esta villa somente dois conventos, um de religiosos fiéis da congregação de São João Evangelista, não tem padroeiro foi seu fundador João Garçes fidalgo da casa de el Rey Dom Afonso Sexto, outro de religiosos da ordem terceira de São Francisco não tem padroeiro nem fundador e desses somente de esmolos dos fiéis [...]»¹².

⁸ O Instituto Geográfico do Exército põe à disposição dos investigadores, e, do público em geral, através do seu endereço na Internet, *Portugalliae Civitates*/Perspectivas cartográficas militares, acessível a partir de: http://www.igeoe.pt/portugalliae_civitates/civitates/civitates.swf, um conjunto de informação, organizado por localidades, com plantas, vistas aéreas e mapas topográficos.

⁹ Bibliografia: ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora*, vol. 8, Lisboa, SNBA, 1975.

¹⁰ A fundação de Arraiolos remonta ao século II a.C., sendo atribuída a Sabinos, Tusculanos e Albanos. Arraiolos teve o seu primeiro foral concedido por D. Dinis, em 1290. Foi condado de D. Nuno Álvares Pereira, segundo conde de Arraiolos, a partir de 1387. Foi canonizado pelo papa Bento XVI, a 26 de Abril de 2009, como carmelita Nuno de Santa Maria Álvares Pereira. Arraiolos recebeu foral novo, de D. Manuel I, em 1511. Cf. Op. Cit. SARAIVA, José Hermano, *História das Freguesias e Concelhos de Portugal/Arganil/Batalha*, vol. 3, Matosinhos: QuidNovi [D.L. 2004], 143 pp., p. 38.

¹¹ O terramoto de 1 de Novembro de 1755, cuja magnitude se pensa ter sido a 9, na escala de Richter, para além do impacto político e socioeconómico, foi transversal em nas construções arquitectónicas a sul do Tejo, sendo a zona de Lisboa e a do Algarve das mais afectadas. Nessas construções incluem-se alguns dos conventos e igrejas aqui mencionados. Cf. PORTAL, Padre Manuel Portal, *História da ruína da cidade de Lisboa causada pello espantozo terramoto e incendio, que reduzio a pó e cinza a melhor, e mayor parte desta infeliz cidade*, Arquivo das Congregações, 1756 e HAMACHER, Werner. *The Quaking of Presentation*. In *Premises: Essays on Philosophy and Literature from Kant to Celan*, pp. 261-93. Stanford University Press, 1999.

¹² Cf. DGARQ – Direcção-Geral de Arquivos, TT Online, PT-TT-MPRQ/5/7, MPRQ\5\PT-TT-MPRQ-5-7_c0032.jpg Miniatura, http://ttonline.dgarq.gov.pt/dserve.exe?dsqServer=calm6&dsqIni=Dserve.ini&dsqApp=Archive&dsqCmd=ImageView.tcl&dsqDb=Images&dsqImage=MPRQ\5\PT-TT-MPRQ-5-7_c0032.

Aquando da extinção das Ordens Religiosas, em 1834, o Convento de São Francisco foi abandonado e entrou em ruína. Posteriormente foi adquirido pela Câmara Municipal que na cerca do mesmo mandou criar o cemitério municipal.

Com as Guerras Liberais (1828-1834) e dada a posição estratégica do convento, foi alvo de ataques que contribuíram em muito para o agravamento da degradação do edificado. Dessa forma a entidade detentora do imóvel foi forçada a mandar demolir as dependências do convento que se encontravam em risco de ruir.

O conjunto actualmente existente, constituído pela igreja e pela zona de serviço adjacente à Igreja, encaixada entre os braços do cruzeiro e o corpo da nave, é de planta rectangular. A igreja tem também planta rectangular, cuja orientação é nascente – poente.

As coberturas são diferenciadas sendo a da nave e cruzeiro bem como para as dependências de serviço, em telhado de duas águas, e a cobertura da lanterna do cruzeiro é em telhado octogonal.

O alçado principal da igreja é de composição muito singela, tendo no piso térreo um portal revestido a mármore, que é sobrepujado por um vão rectangular de pequenas dimensões. Como remate do alçado um frontão triangular em que se rasga um óculo. A ladear este frontão dois pináculos. Do lado esquerdo deste alçado encontra-se uma composição sineira.

A cerca do convento foi utilizada na sua íntegra como cemitério municipal.

Património natural:

Carta Militar de Portugal: n.º 437 (Arraiolos) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: verificou-se que os azinhais apresentavam no sob coberto, carrascais, medronhais e piornais. Os estevais apresentavam um grau de cobertura variável em mosaico com os arrelvados terofíticos, em solos de natureza siliciosa.

Uso e ocupação do solo actual: paisagem agro-silvo-pastoril, com montados de azinho, pastagens e culturas cerealíferas.

Igreja e Convento de São Francisco: encontram-se integrados na malha urbana. A cerca estava ocupada pelo cemitério municipal rodeado, no seu interior, por uma sebe arbórea de cupressáceas.

Igreja e Antigo Convento de São Francisco¹³ – Estremoz

Património construído: Localiza-se no Rossio da cidade de Estremoz, afastado do núcleo urbano da época medieval. Tal como na maior parte dos casos estudados, foi integrado no progressivo desenvolvimento da malha urbana.

A cidade de Estremoz tem a sua fundação datada do reinado de D. Afonso III (1210-1279), em 1258, com o foral a ser-lhe outorgado em 1259. Pensa-se que a fundação deste convento masculino, pertença da O.F.M., e da Província dos Algarves terá

jpg, cf. também: Instituto dos Arquivos Nacionais / Torre do Tombo, *Memórias paroquiais*, vol. 5, n.º 7, pp. 599-604, documento transcrito por Isaura P. F. Tereno, Mestre em Paleografia e Diplomática.

¹³ Bibliografia: FARO, Frei João de, Fragmento Académico. Notícias geraes e particulares da Província da Piedade. Da regular observância de N.º P.S. Franc.º, s.e., s.l., 1721; MONFORTE, Frei Manuel de, *Chronica da Província da Piedade*, 2ª edição, ed. Officina de Miguel Manescal da Costa, [s.l.], 1751, pp. 313 - 316; ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal-Distrito de Évora (Zona Norte)*, vol. I, ed. Academia nacional de Belas Artes, Lisboa, 1975, pp. 92 - 97; XAVIER, António Mateus, *Das Cercas dos Conventos Capuchos (da Província da Piedade)*, contributo para a definição de uma política de recuperação, relatório de Trabalho de Fim de

ocorrido em época coeva, fundado em 1239¹⁴, sob a Ermida de São Bento do Mato, doada aos franciscanos, pelos freires de Avis¹⁵. A 13 de Dezembro de 1258, por bula do papa Alexandre IV (c. 1200-1261), foi concedido poder ao arcebispo de Compostela, constituído em conservador do convento, para fazer frente aos excessos dos freires de Avis que ameaçavam o convento franciscano. O arcebispo delegou os seus poderes em Vicente Pires, cónego da Sé de Évora.

Em 1520 é concedida bula papal, de Leão X (1475-1521) a D. Manuel I (1469-1521), para a edificação de um convento de São Francisco na vila de Estremoz, embora o convento franciscano tenha tido o seu primeiro edifício, no século XIII, no reinado de D. Afonso III (1210-1279).

O convento principiou por seguir o rigor da observância. Em 1274 passou à claustra e em 1542 ou 1572, passou novamente à observância.

A igreja franciscana é um pouco posterior, possivelmente de entre a segunda metade do século XIII e os inícios do século XIV; concentra um conjunto de elementos de elevado interesse artístico, como um Cruzeiro híbrido, de estilo manuelino e barroco, no adro, uma Árvore de Jessé barroca (uma das três que ainda existem conservadas em Portugal, nos conventos de S. Francisco de Estremoz, S. Francisco de Guimarães e S. Francisco do Porto), a Capela de D. Fradique de Portugal, com influências castelhanas platerescas e um Túmulo gótico situado cronologicamente entre os séculos XIV e XV, de Vasco Esteves Gato.

Mais tarde, em 1541 e por ordem do Arcebispo Infante Dom Henrique, é entregue à Província dos Algarves da Observância.

Após a extinção das Ordens Religiosas¹⁶, as instalações conventuais foram ocupadas pelo Regimento de Cavalaria de Estremoz, função que mantém actualmente.

Curso na Licenciatura em Arquitectura Paisagista pela Universidade de Évora, 1998, policopiado; CRESPO, Marques, Estremoz e o seu Termo Regional, 2ª edição (fac-símile), Ed. Centro Social Paroquial Santo André, [s.l.], [s.d.], p. 78; IAN/TT: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças – Autos de Inventário dos Bens Pertencentes aos Extintos Conventos da Ordem de São Francisco da Província da Piedade, 1834, cx. 2215 e ainda SANTOS, Reynaldo e PROENÇA, Raul, *Notícia sobre a reparação da Igreja de São Francisco na Villa de Estremoz*, Lisboa, 1883; Ministério das Obras Públicas, Relatório da Actividade do Ministério no ano de 1956, Lisboa, 1957; ESPANCA, Túlio, *Inventário artístico de Portugal-Distrito de Évora*, Lisboa, 1975; ESPANCA, Túlio, *Real Convento de São Francisco de Estremoz, A Cidade de Évora*, nº 57; CHICÓ, Mário Tavares, *A Arquitectura Gótica em Portugal*, Lisboa, 1981; VALENÇA, Manuel, *A Arte Organística em Portugal*, vol. II, Braga, 1990; IHRU: DGMEM / DSID; IAN/TT: Corpo Cronológico, Parte II, maço 17, doc. 89; Colecção de Bulas, maço 22, doc. 33.

¹⁴ Cf. TT-CSFES, Fundo do Convento de São Francisco de Estremoz 1684-1689.

¹⁵ Estremoz foi ocupado em tempos remotos pelos romanos, e, depois, pelos árabes que permaneceram no local durante quase cinco séculos. Crê-se que o povoado tenha sido reconquistado aos muçulmanos em 1166, sendo perdido de novo. Só em meados do século XIII é que retornaria em definitivo à coroa portuguesa. Em 1211, a povoação foi doada aos freires de Avis. D. Afonso III, para além de conceder o foral, as suas preocupações com a povoação foram mais longe – ordenou que se erigisse o castelo e que se procedesse ao levantamento de uma muralha defensiva, a muralha da vila (cf. *op. cit.*, SARAIVA, José Hermano, *História das Freguesias e Concelhos de Portugal/Chaves/Évora*, vol. 6, Matosinhos: QuidNovi [D.L. 2004], 143 pp., pp. 126-129).

¹⁶ Em 1834, no âmbito da “Reforma geral eclesiástica”, empreendida pelo Ministro e Secretário de Estado, Joaquim António de Aguiar, executada pela Comissão da Reforma Geral do Clero (1833-1837), pelo Decreto de 30 de Maio, foram extintos todos os conventos, mosteiros, colégios, hospícios e casas religiosas de todas as ordens religiosas, ficando as de religiosas, sujeitas aos respectivos bispos, até à morte da última freira, data do encerramento definitivo. Os bens foram incorporados na Fazenda Nacional.

A igreja apresenta planta rectangular, com três naves e cinco tramos. A sua fundação medieval manifesta-se na acentuada verticalidade que pode observar-se no seu interior. A capela-mor foi reconstruída em 1623 e coberta por uma abóbada de berço.

A fachada principal da igreja está virada ao Rossio, tendo a sua composição três níveis. No piso térreo o portal ladeado por dois nichos emoldurados por mármore da região, no segundo nível um vão rectangular ladeado por outros dois também rectangulares e de menores dimensões. O remate desta fachada faz-se por frontão duplamente contracurvado. No interior encontra-se uma nave de cinco tramos coberta por abóbada de vigamento em madeira.

O conjunto conventual encontra-se actualmente ocupado pelo Regimento de Cavalaria de Estremoz, tendo sido alvo de intervenções que o adaptaram às novas funções.

Património natural:

Carta Militar de Portugal: n.º 425 (Estremoz) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: nos arredores predominavam os azinhais com carrascais, zambujais e medronhais. Os piornais apareciam em mosaico com os arrelvados terofíticos, em solos de natureza neutra ou básica.

Uso e ocupação do solo actual: nos arredores observaram-se montados de azinho esparsos, pastagens e culturas cerealíferas.

Igreja e Convento de São Francisco: estão integrados na malha urbana. O Convento estava a ser utilizado como quartel (Dragões de Olivença) e a cerca foi destruída.

Convento de S. Francisco – Montemor-O-Novo¹⁷

Património construído: Em tempos remotos encontrava-se situado em local isolado, numa pequena elevação do terreno, actualmente a sua localização é urbana porque foi envolvido pelo desenvolvimento que o absorveu na sua malha de expansão.

Localiza-se em terreno adjacente à da Estrada Nacional que liga Lisboa a Évora, a sua cerca foi utilizada como cemitério e esta, em alvenaria, protegia o convento.

Este convento foi instituído por Alvará de D. João III (1502-1557) datado de 1532. A génese deste conjunto tem subjacente a Ermida de N. Sra. da Graça, de 1495¹⁸. Pensa-

¹⁷ Bibliografia: ESPANCA, Túlio, Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Évora, vol.1 e 2, tomo 8, Lisboa: ed. Academia Nacional de Belas Artes, 1975; ANDRADE, António Alberto Banha de, Breve história das ruínas do antigo burgo e concelho de Montemor-o-Novo, Cadernos de História de Montemor-o-Novo, n.º 3, Évora: Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo, 1977; ANDRADE, António Alberto Banha de, A Monografia de Montemor-o-Novo do Padre Lamego da Maia, Brito Correia e Doutor J. Manuel Álvares, Cadernos de História de Montemor-o-Novo, n.º 6, Lisboa: Grupo de Amigos de Montemor-o-Novo e Academia Portuguesa de História, 1978; QUEIRÓS, J. Francisco Ferreira, PORTELA, Ana Margarida, Contributos para a História da Arquitectura e do Urbanismo em Montemor-o-Novo, do séc. 16 ao séc. 19, in Almansor - Revista Cultural da Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, Montemor-o-Novo, 2002; DGEMN: DSID, Carta de Risco; CMMN; IPPAR: DRE; B.N.L.: Cód. 9840 - Capelas instituídas nas Igrejas de S. Manços do Bispado e Convento de São Francisco de Montemor-o-Novo (1777 - 1783).

¹⁸ Conforme a transcrição que se fez do documento infra citado e que diz: «No distrito desta freguesia está o Convento de São Francisco fora da villa em pouca distancia, entre o Norte e o Oriente, o qual foi fundado em huma Irmida. de Nossa Senhora das Gracias e no anno de 1495 já nelle assistião religiosos. He

se que a sagração da igreja ocorreu em 1546, se atendermos à inscrição existente no portal da mesma. No século XVII foi construído o nártex¹⁹ bem como acrescentadas várias capelas laterais. Mais tarde já em 1815 foi reformada a capela-mor. Cerca de vinte anos depois, com a extinção das Ordens Religiosas o conjunto foi deixado ao abandono e posteriormente ocupado pelo Quartel de Cavalaria e pela Estação Telegráfica. Em 1846 a cerca desde convento foi reutilizada como cemitério. Desde o final do século XX, na posse da Câmara Municipal, as dependências do conjunto são utilizadas como armazéns e ateliê de arte.

A igreja orientada a nascente tem planta rectangular com nártex e naves laterais. Apresenta capelas laterais do século XVII, e a capela-mor é de planta quadrangular. O seu alçado apresenta dois níveis compositivos. No piso térreo, o nártex a que se acede através de um arco abatido com portal de granito no primeiro piso, um vão rectangular encimado por uma cornija muito elaborada, com medalhão que ostenta as armas de S. Francisco e de S. Clara.

No interior da igreja o nártex é coberto com abóbada de nervuras em alvenaria. A nave tem cinco tramos e apresenta coro alto com cobertura em abóbada de cruzaria de ogivas. A Capela-mor tem planta quadrangular a que se tem acesso por uma escada de três degraus. A abóbada que cobre este espaço é de berço com pinturas murais. A sul do corpo da igreja existem cinco capelas laterais de invocações a saber: a de Santo Cristo, a de Jesus, Maria, José, a da Venerável Ordem Terceira de Penitência de S. Francisco, a Capela tumular de Paulo de Vilalobos e Vasconcelos e a Capela da Aparição.

A igreja e o claustro são muito simples, em conformidade com o que a Ordem estipulava inicialmente tendo sido em altura posterior enriquecidos com decorações barrocas.

seu Padroeyro o Excelentissimo Conde de Santa Crus. é selebre pelas cabeças do Apostolo São Filipe , e de outro seu companheiro cujo nome se não sabe não obstante ter hum letreiro , que per ser escrito em alemão se não pode ler : que nelle colocou na Capela mor Dom Fernão Martins Mascarenhas Alcaide mor desta villa que as trouxe na sua companhia quando veyo do Concilio Tredentino , que se fés em tempo do Papa Pio quarto . aonde tinha hido por Embaxador as quais mandou dar o Emparador Fernando Irmão de Carlos 5º da Gloriosa memoria, a Dom João Mascarenhas seu sobrinho indo-o visitar da parte do Senhor Rey Dom Sebastião na coroação do Rey dos Romannos seu filho Maximiliano : E estão autenticas com muitos documentos que se achão anexos a hum compromisso que na entrega das ditas relíquias fes Dom Fernão Martins Mascarenhas, com Francisco do Rego e Francisco Caldeira cavaleiros da caza de El Rey nosso Senhor, veriadores que então erão nesta villa ; e as colocarão na ditta Capela mor em dois meyos corpos , fichados com três chaves huma que anda na caza dos Excelentisimos Condes de Santa Crus , outra em poder da Camara , e a outra tem o guardião do ditto Convento ; no dia do Apostolo São Filipe vem estas cabeças em procição para a irlmida de Nossa Senhora da Luz onde se venerão e beirão ; aque assiste a Camera e Clerizia deste Povo, e hum grande concurço de gente , que por muita foi concedido fazerse huma feira tres dias franca . forão colocadas as cabeças em 23 de Abril de 1577. No ditto Convento se acha a Ordem 3ª da Penitencia que teve Capela propria no anno de 1671. A este Convento está sujeita huma capela onde estava antigamente a nona estação da Via Sacra em hum pedaço de parede, e nella pintada huma imagem de Jesus Christo com a crus as costas, a quem a piedade e devoção dos católicos intitului = Senhor Jesus dos Aflitos, e com muita razão porque estando a sobranna imagem não so istinta porque ao rigor do tempo exposta. mas tão bem pouco memorável, porque de muitos esquecida. hoje se admira ja admiravelmente renovada e venerada em huma Capela feita a expensas dos feis devotos por ser hoje a imagem das mais milagrosas , que das partes do Alentejo se venera , sendo buscada de terras muito distantes , sem que haja aflição a que o mesmo senhor não dei alivio que são as mais ividentes prova os inumeraveis milagres que estão pendentes em duas cozinhas e nas paredes da mesma Capella.» Documento transcrito por Isaura P. F. Tereno, Mestre em Paleografia e Diplomática. Cf. [http](#)

¹⁹ O nártex ou narthex, é, na primitiva architectura cristã, uma espécie de vestibulo, que precedia a basílica.

Do conjunto conventual resistiu ao tempo o corpo situado a norte, e existem vestígios dos outros lados do claustro. Este tem planta quadrangular. Assente em arcaria de arcos de volta perfeita tem cinco tramos. No seu lado nascente situa-se a sala do Capítulo com porta em granito da região, e alvenaria de tijolo.

O antigo refeitório situa-se no lado poente do claustro e tem planta rectangular, com duas naves de quatro tramos cobertas por abóbadas de cruzaria de nervuras.

Património natural:

Carta Militar: n.º 447 (Montemor-o-Novo) à escala 1/25 000. Vegetação natural: a paisagem estava dominada por sobreirais e azinhais com matagais (carrascais e medronhais) bem desenvolvidos e multi-estruturados. Os matos baixos e os arrelvados terofíticos eram muito diversificados quer na estrutura como na composição, dependendo do tipo de solo e microclima.

Uso e ocupação do solo actual: verificou-se a dominância de montados de sobreiro, de azinho e mistos, com aproveitamento agro-silvo-pastoril. Convento de S. Francisco: integrado na malha urbana, encontrava-se em ruínas e a cerca ocupada pelo cemitério municipal.

Convento de São Francisco dos Capuchos da Piedade²⁰ – Portel

Património construído: Situa-se muito próximo do Castelo de Portel, localizando-se na saída pela estrada que se dirige para Vera Cruz de Marmelar.

O conjunto conventual está implantado numa zona que apresenta um declive acentuado e com diferenças de cotas assinaláveis. Sendo que tem apenas um piso na fachada principal e na fachada posterior apresenta três pisos.

Este convento foi fundado por D. Teodósio I (1510-1563), Duque de Bragança em 1547. Mais tarde, já em 1726, inicia-se um plano de reforma completa do conjunto.

Em 1834, aquando da exclausuração das Ordens Religiosas, é vendido em hasta pública. Tal como muitos edifícios desta natureza e dimensões, sofreu as alterações que os novos proprietários entenderam e foi adaptado a depósito de alfaia agrícola.

Posteriormente foi doado pelos proprietários cerca de 1950, o convento e a cerca, à fundação da Casa de Bragança, para que nele fosse instalada uma instituição de beneficência. Pertence actualmente a particulares.

No que respeita à arquitectura do edifício, trata-se de um conjunto em que se salienta a igreja. Apresenta planta sensivelmente quadrangular de lados desiguais. A

²⁰ Bibliografia: FARO, Frei João de, Fragmento Académico. Noticias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P.S. Francº, s.e., s.l., 1721; MONFORTE, Frei Manuel de, Chronica da Provincia da Piedade, 2ª edição, ed. Officina de Miguel Manescal da Costa, [s.l.], 1751; FARO, JÚNIOR, J. A. Pombinho, Alto Alentejo, Boletim da Junta de Província do Alto Alentejo, vol. 4, ed. Junta de Província, Évora, 1959; ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora (Zona Sul)*, vol. I, ed. Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1978; PALATIM, Francisco M. da Pina, *Relação Histórica da Nobre Vila de Portel*, ed. Fac-símile da Junta de Freguesia de Portel e da Câmara Municipal de Portel, Portel, 1992; XAVIER, António Mateus, *Das Cercas dos Conventos Capuchos (da Província da Piedade)*, contributo para a definição de uma política de recuperação, relatório de Trabalho de Fim de Curso na Licenciatura em Arquitectura Paisagista pela Universidade de Évora, 1998 (texto policopiado); DGEMN: DSID, DSARH; IAN/TT: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças - Autos de Inventário dos Bens Pertencentes aos Extintos Conventos da Ordem de São Francisco da Província da Piedade, 1834, cx. 2245; Memórias Paroquiais de 1758, vol. 29º, fl. 1552.

fachada principal do conjunto é constituída pela frontaria da Igreja, e do lado oeste do corredor do claustro e pela fachada da portaria do convento.

A fachada da igreja apresenta três níveis compositivos, no piso térreo, três vãos, um arco de volta perfeita, ladeado por dois arcos menores também de volta perfeita. O nível seguinte é constituído por três amplos vãos rectangulares, e o terceiro apresenta um frontão ladeado por dois arcos sineiros. A igreja é de nave única. Encontra-se em muito mau estado de conservação.

A cobertura da igreja é em telhado de duas águas e para o restante da volumetria do convento e edificações anexas é de quatro águas.

O conjunto conventual é actualmente alvo de intervenções de restauro.

Património natural:

Carta Militar: n.º 490 (Portel) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: Portel está rodeado por sobreirais e medronhais bem desenvolvidos e, muitos deles em bom estado de conservação. Os matos de esteva e rosmaninho eram muito abundantes e os arrelvados terofíticos acidófilos encontravam-se nas orlas e nas zonas onde o grau de cobertura das espécies arbóreas e arbustivas era reduzido.

Uso e ocupação do solo actual: paisagem dominada por montados de sobreiro, oliveiras, pastagens e culturas cerealíferas.

Convento de São Francisco dos Capuchos da Piedade: encontrava-se adjacente à malha urbana e na cerca praticava-se agricultura de sequeiro.

Igreja e Convento de Santo António da Piedade²¹ – Redondo

Património construído: Situa-se a noroeste da Vila do Redondo em local adjacente à malha urbana. Tem uma envolvente muito aprazível de campos cultivados.

A sua fundação ordenada pelo 5.º Conde do Redondo, D. João Coutinho, realizou-se em 1601, sendo lançada a primeira pedra em 1605.

Posteriormente já no 3.º quartel de 1600 e no século que se seguiu, é objecto de intervenções assinaláveis que o colocam numa posição de destaque na Província da Piedade.

O terramoto que assolou Lisboa deixou marcas significativas nesta casa conventual o que conduziu à reedificação do sub-corpo do edifício.

Também a extinção das Ordens Religiosas veio dar a possibilidade de uma transformação e reaproveitamento do edificado, através da Câmara da Vila do Redondo, que o adaptou para um Colégio de meninos órfãos.

²¹ Bibliografia: FARO, Frei João de, Fragmento Académico. Noticias geraes e particulares da Provincia da Piedade. Da regular observancia de N.º P.S. Franc.º, s.e., [s.l.], 1721; MONFORTE, Frei Manuel de, Chronica da Provincia da Piedade, 2ª edição, ed. Oficina de Miguel Manescal da Costa, [s.l.], 1751; BARATA, António Francisco, O Alemtejo, Histórico, Religioso, Civil e Industrial no Districto de Évora, ed. Typ. Eborensis de Francisco da Cunha Bravo, Évora, 1893; ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal – Distrito de Évora (Zona Sul)*, vol. I, ed. Academia Nacional de Belas Artes, Lisboa, 1978; XAVIER, António Mateus, *Das Cercas dos Conventos Capuchos (da Provincia da Piedade)*, contributo para a definição de uma política de recuperação, relatório de Trabalho de Fim de Curso na Licenciatura em Arquitectura Paisagista pela Universidade de Évora, 1998 (texto policopiado); IAN/TT: Arquivo Histórico do Ministério das Finanças - Autos de Inventário dos Bens Pertencentes aos Extintos Conventos da Ordem de São Francisco da Provincia da Piedade, 1834, cx. 2247.

Em 1872, a cerca deste convento foi convertida em cemitério à semelhança do que aconteceu com as cercas de alguns conventos desta Ordem.

A planta deste conjunto pode inscrever-se num rectângulo, tendo a igreja a volumetria mais significativa do mesmo. A planta da igreja está orientada no sentido sul-norte e o convento está-lhe adossado do lado nascente, bem como toda a cerca do convento. A igreja tem planta rectangular e é composta por nártex, nave, capela-mor e sacristia. O alçado principal da igreja é por pano simples cujos limites são pilastras ligeiramente salientes. É composto na sua base por um arco de volta perfeita em cantaria que permite o acesso ao nártex, onde se encontra o portal da igreja. No piso superior salienta-se um vão de grande dimensão encimado por um nicho de volta perfeita, que alberga a imagem de Santo António²². O remate é feito através de um frontão triangular, envolvido lateralmente por dois campanários. A igreja é de nave única, coberta por abóbada de canhão, com coro-alto que ocupa um terço da nave. A capela-mor tem planta quadrada revestida também por abóbada de canhão.

A sacristia anexa é uma dependência de planta rectangular, pela qual se faz o acesso ao conjunto conventual. Este é um edifício de dois pisos cuja planta é quadrangular. A modulação do claustro faz-se por três arcadas, de volta perfeita no piso térreo, e em arco abatido no piso superior.

²² O convento de Santo António da Piedade não foi o único a ter o nome do santo português, Santo António, de seu nome Fernando Martim de Bulhões e Taveira Azevedo (1195-1231) – o convento de Santo António do Varatojo, mais comumente conhecido como convento do Varatojo, é outro exemplo da memória que ficou daquele que, apenas onze meses após a sua morte foi canonizado pelo papa Gregório IX, na catedral de Espoleto, em Itália, a 30 de Maio de 1232. Viria a ser proclamado doutor da igreja, pelo papa Pio XII (1876-1958), em 1946, mediante a bula *Exulta, Lusitania felix* que o considerou singularmente «exímio teólogo e insigne mestre em matérias ascética e mística». Foi o Primeiro Doutor da Ordem Franciscana (cf. <http://www.capuchinhos.org>, Santo António na Religiosidade Popular). Iniciou o seu noviciado na Ordem dos Cónegos Regrantes de Santo Agostinho, no Mosteiro de São Vicente de Fora. Foi a vinda dos restos mortais, em 1220, de cinco franciscanos, do convento dos Olivais de Coimbra, que morreram decapitados, na evangelização em Marrocos, que fez com que trocasse a Regra de Santo Agostinho pela Ordem de São Francisco. Na sua ânsia de sofrer semelhante martírio, apressou-se a ir para Marrocos, para a evangelização; só a doença faria com que fosse repatriado, por ordem dos Superiores da Ordem. No caminho de regresso é desviado para a costa italiana devido a uma tempestade, indo parar à Sicília. Os estudos que completou de Direito Canónico, Filosofia e Teologia, no Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, deram-lhe a preparação necessária para dissertar. Essas capacidades foram reconhecidas, ao dissertar, em 1222, para religiosos Franciscanos e Dominicanos. A sua forma fluente despertou as atenções do Provincial despertou as atenções do Provincial da Ordem que o destinou de imediato à evangelização e difusão da doutrina. Em 1222, assistiu também ao Capítulo Geral da Ordem, em Assis, onde conheceu São Francisco de Assis. Foi conhecido como o «incansável martelo dos hereges», ao pregar contra as heresias dos Cátaros, Patarinos e Valdenses. Fez notar certa vez a um mercador que «o manto que trazes é vermelho, vermelho da cor do sangue dos que oprimis». Ficou famoso o seu sermão aos peixes, que seria imortalizado pelo Padre António Vieira (1608-1697). Há vários autores que dedicam obras suas a este santo, como Maria Agustina Ferreira Teixeira Bessa (Agustina Bessa-Luís), com a sua Biografia de Santo António, publicada em 1979, tendo para o efeito viajado até Pádua para melhor se inteirar dos locais por onde o santo pregou. O capítulo 13 da legenda «Assídua» diz-nos que o último sermão que pregou na sua última Quaresma: «Tentava reconduzir à paz fraterna aqueles em que reinava o ódio»; «lutava pela restituição das usuras e de bens obtidos por violência»; «afastava as prostitutas do seu infamante modo de vida»; «convencia os ladrões famosos pelos seus malefícios a não tocarem no alheio».

Património natural:

Carta Militar: n.º 451 (Redondo) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: paisagem com azinhais densos e esparsos, com carrascais de grande porte e piornais. Os matos baixos e os arrelvados terofíticos eram diversificados de acordo com o tipo de solo. Foram identificados nas margens dos afluentes da Ribeira da Silveirinha, freixiais e salgueirais de borrazeira-branca.

Uso e ocupação do solo actual: verificou-se a dominância de montados de azinho com aproveitamento silvo-pastoril.

Igreja e Convento de Santo António da Piedade: encontravam-se adjacentes à malha urbana integrados actualmente na mesma integrados na malha urbana. A cerca estava ocupada pelo cemitério municipal.

Convento de Nossa Senhora da Piedade / Convento de São Francisco²³ – Viana do Alentejo

Património construído: Situa-se este convento na malha urbana da Vila de Viana do Alentejo. Foi, tal como tantos outros que se localizavam fora dos muros das vilas, aglutinado pelo desenvolvimento urbano que se fez sentir em tempos recentes.

Cerca de 1528, um casal de origem nobre oriundo de Viana do Alentejo mandou instituir um beatério feminino, destinado a recolher senhoras idosas e sem rendimentos.

No século XVII, foi acrescentado o corpo da nave e cerca de um século depois com a extinção das Ordens Religiosas, foi o conjunto vendido em hasta pública. Mais tarde, por intervenção de um benemérito, no local foi instituído o Asilo de infância desvalida, bem como uma creche anexa.

Em meados do século XX, a igreja sofreu fortes infiltrações que determinaram obras de relevo, contribuindo para a descaracterização completa da mesma. Actualmente funciona neste conjunto uma associação de caridade para raparigas jovens e também uma creche.

A igreja é de planta rectangular, coberta por abóbada de canhão, rebocada e pintada, a capela-mor é de arco pleno.

A fachada principal é de pano único, rematada por dois cunhais de granito, no piso térreo, o portal é ladeado por ombreira e verga em granito, encimada por um escudo que é ladeado por voluptas de granito.

No piso superior rasga-se um vão rectangular ladeado por duas finas pilastras que acentuam a verticalidade da fachada.

O seu interior encontra-se completamente remodelado, nada existindo já da primitiva, senão um púlpito, situado do lado direito da igreja, em mármore branco e negro, com florão central emoldurado. O coro-alto repousa em abóbada de arco abatido rebocado e pintado.

O convento foi alvo de muitas intervenções que contribuíram para descaracterizar o espaço. No entanto é ainda possível encontrar muitos vestígios da primitiva obra, nas abóbadas nervuradas, em algumas pedras tumulares que ainda se mantêm no local original, bem como elementos de escultura inseridos nas paredes. O estado

²³ Bibliografia: ESPANCA, Túlio, *Inventário Artístico de Portugal - Distrito de Évora, Distrito de Évora: Zona Sul: Concelhos de Alandroal, Borba, Mourão, Portel, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Viana do Alentejo e Vila Viçosa*, A.N.B.A., 1978.

geral de conservação é bom. Na cerca deste convento existe ainda uma horta da qual mantêm a sua utilização.

Património natural:

Carta Militar: n.º 479 (Viana do Alentejo) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: a região encontrava-se dominada por azinhais, carrascais, zambujais e murteiras, confinados em zonas com elevada quantidade de afloramentos rochosos. Os estevais e os arrelvados terofíticos eram abundantes principalmente em terras pedregosas.

Uso e ocupação do solo actual: predominam montados de azinho, olivais e pastagens.

Convento de Nossa Senhora da Piedade / Convento de São Francisco: encontrava-se adjacente à malha urbana. Na cerca praticava-se a agricultura para auto-consumo (culturas hortícolas, pomares de citrinos e olivais). Ainda foi possível identificar alguns troços dos antigos muros da cerca. Convento de Nossa Senhora da Piedade, de meados do século XVI é, actualmente, Creche e Associação de Caridade.

Convento Velho De São Francisco²⁴ – Vila Viçosa

Património construído: Este conjunto foi o primeiro ermitério da Ordem de Nossa Senhora da Piedade (alcantarino) fundado em Portugal.

Localiza-se na Herdade de São Francisco Velho, na estrada em direcção a São Romão, a cerca de 3, 5 km de Vila Viçosa. Situa-se numa zona rural cercada por paisagens caracteristicamente alentejanas e junto ao Ribeiro da Fadraga.

Foi mandado erigir pelo Duque de Bragança D. Jaime, em 1500. Frei João de Guadalupe trouxe para Portugal os primeiros frades menores castelhanos.

No local onde foi construído o convento e sua igreja existia uma ermida de invocação a Nossa Senhora da Piedade, fundada por determinação testamentária do presbítero Álvaro Fernandes. Para essa finalidade legou horto e casas anexas, ao Hospital do Espírito Santo. A esta primeira implantação deram a designação de Casa da Piedade de Vila Viçosa.

Património natural:

Carta Militar: n.º 426 (Vila Viçosa) à escala 1/25 000.

Vegetação natural: paisagem de azinhais esparsos, com carrascais de grande porte e pequenas manchas de estevais. Nas ribeiras do Beiçudo e do Rossio encontravam-se freixiais com choupos.

Uso e ocupação do solo actual: verificou-se a dominância de montados de azinho com aproveitamento silvo-pastoril, pastagens e culturas cerealíferas. Nas zonas de vale, próximas das ribeiras foram observadas culturas hortícolas e pomares.

Convento Velho de São Francisco: estava adjacente à malha urbana. No interior da cerca, bem conservada, praticava-se agricultura.

²⁴ Bibliografia: Inventário Artístico de Portugal – Aveiro, Beja, Coimbra, Évora, Leiria, Portalegre, Porto e Santarém, Lisboa: A.N.B.A., 2000 (suporte: 3 discos de CD-ROM, Biblioteca Nacional). Informação disponível complementarmente no IPPAR.

Conclusões

Numa perspectiva de evolução natural e a modo de conclusão, apresenta-se uma descrição das principais formações vegetais que constituíam os elementos dominantes da paisagem de Arraiolos, Estremoz, Montemor-o-Novo, Portel, Redondo, Viana do Alentejo e Vila Viçosa. Foram também efectuados cortes esquemáticos com base nas cartas militares de Portugal à escala de 1/25 000, com a representação do património construído e da possível vegetação natural que poderia ter existido naquela época.

Localidade	Património	Enquadramento	Função actual
Arraiolos	Igreja e convento de S. Francisco	Malha urbana	Igreja e convento – ruínas Cerca – cemitério
Estremoz	Igreja e convento de S. Francisco		Igreja e convento – quartel Cerca – extinta
Montemor-o-Novo	Convento de S. Francisco		Igreja e convento – ruínas Cerca – cemitério
Portel	Convento de S. Francisco dos Capuchos da Piedade	Adjacente à malha urbana	Convento – (?) hotelaria Cerca – agricultura
Redondo	Igreja e convento de Santo António da Piedade		Igreja e convento – conservado Cerca – cemitério
Viana do Alentejo	Convento de Nossa Senhora da Piedade / Convento de S. Francisco		Igreja e convento – conservado Cerca – agricultura
Vila Viçosa	Convento velho de S. Francisco		Igreja e convento – conservado Cerca – agricultura

Bibliografia Complementar

- ESPERANCA Fr. Manoel da. *História Seráfica da Ordem dos Frades Menores na Província de Portugal*, Lisboa: Officina Craesbekiana, 1656. Parte I;
- CONCEIÇÃO, Frei Apolinário da – *Claustro Franciscano*, Lisboa: 1740;
- LOPES, F. Félix, *Fontes narrativas e textos legais para a História da Ordem Franciscana em Portugal*, Madrid, 1949;
- LOPES, Frei Félix – *Colectânea de Estudos de História e Literatura. Fontes Históricas e Bibliografia Franciscana Portuguesa*. Lisboa: Academia Portuguesa de História, 1997, vol I;
- CASTRO, João Bautista de – *Mapa de Portugal Antigo e Moderno*, Lisboa, Tomo Segundo, parte III e IV;
- Dir. Andrade, António Alberto Banha de Andrade, *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, 2.º Volume, Lisboa: Editorial Resistência, 754 pp.;
- ALMEIDA, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, 4 vols., Coimbra 1910-192; 2.ª Ed. Dir. Damião Peres, Barcelos 1968-1971;
- OLIVEIRA, Miguel de, *História Eclesiástica de Portugal*, Lisboa: [s.e.], 1940, (2.º vol.) 1948, (3.º vol.) 1958, (4.º vol.) 1968;
- Dir. AZEVEDO, Carlos Moreira, *Dicionário de História Religiosa de Portugal*, Centro de Estudos de História Religiosa da Universidade Católica, Círculo de Leitores, ISBN 972-42-2383-3, 479 pp., pp. 273-281;
- História de Portugal Religião, Religião e Secularização*, vol. 3, Círculo de Leitores, ISBN: 972-42-2460-0, 584 pp. ;
- GERHARDS, Agnès, *Dictionnaire Historique Des Ordres Religieux*, Préface de Jacques Le Goff, Fayard, 1998, ISBN: 2-213-60173-9 35-14-0373-01/7, 622 pp., pp. 261-264;
- Sotto la direzione dei Ver. MI, *Dizionario Ecclesiastico*, vol. III, Editrice Torinese, 1436 pp.;
- SAUSSAYE, Chantepie de La (Prof. Universidade de Leyde), *História das Religiões*, trad. Lobo Vilela, 3.ª Ed., Lisboa: Editorial Inquérito, Lda., 966 pp.
- FERREIRA, Cónego J. Augusto Ferreira, *Memórias para a História de um Sisma: 1832-1842*, Braga: Cruz & C.ª, 1916, 762 pp.;
- GUIA DE PORTUGAL, vol. II, [D.L. 3542/83], [s.l.]: Fundação Calouste Gulbenkian, [s.d.], 697 pp., ISBN: 972-31-0545-4;
- FRANCISCO DA GAMA CAEIRO, António, *Dicionários de História da Igreja em Portugal*. Dir. A. A. Banha de Andrade, Vol. I, Lisboa: Resistência, 1980, p. 340-354; Idem, Santo António de Lisboa, Vol. II Lisboa [s.n.] 1967; Fernando Félix Lopes, Santo António de Lisboa, Doutor Evangélico, Braga: Ed. Boletim Mensal, 21954.

Terminologia

Controlada para a indexação de documentos na área da arquitectura religiosa / José Ventura; rev. Maria Luísa Santos, Lisboa: Biblioteca Nacional, 1998, 21 pp. ISBN 972-565-252-5;

Santo António: Biografia / Agustina Bessa-Luís, 2.ª ed., Lisboa: Guimarães Editores, 1993, 206 pp., ISBN: 972-665-379-7;

Portugal - Dicionário Histórico, Corográfico, Heráldico, Biográfico, Bibliográfico, Numismático e Artístico, Volume I, pp. 94-95;

Dir. de Delumeau, Jean, Tradução de Pedro Tamen, *As Grandes Religiões do Mundo*, Lisboa: Editorial Presença, 735 pp., ISBN: 972-23-2241-9.

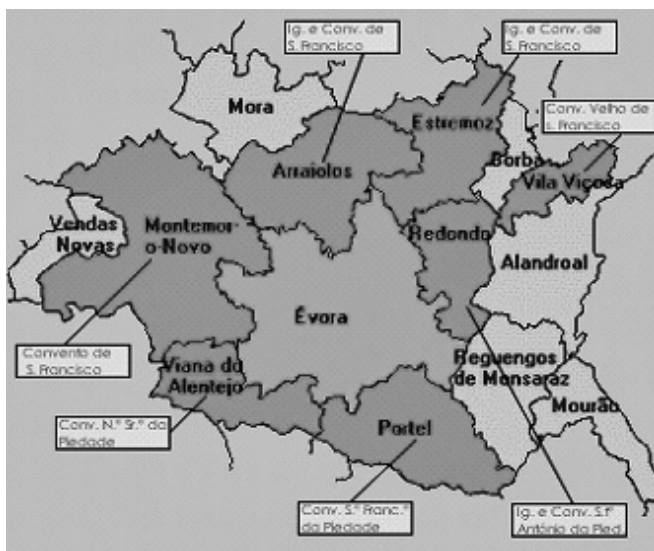


Fig. 1 – Localização dos conventos do distrito de Évora, objecto do presente estudo.



Fig. 2 – Arraiolos. Localização do Convento de S. Francisco.



Fig. 3 – Arraiolos. Alçado principal da igreja do antigo convento.

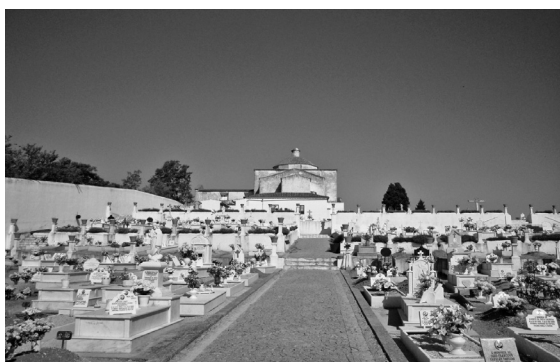


Fig. 4 – Arraiolos. Vista posterior do conjunto.



Fig. 5 - Arraiolos. Corte esquemático do património construído e paisagístico do Convento de S. Francisco.



Fig. 6 - Estremoz. Localização da Igreja e antigo convento de S. Francisco.



Fig. 7 - Estremoz. Vista do alçado principal da igreja.

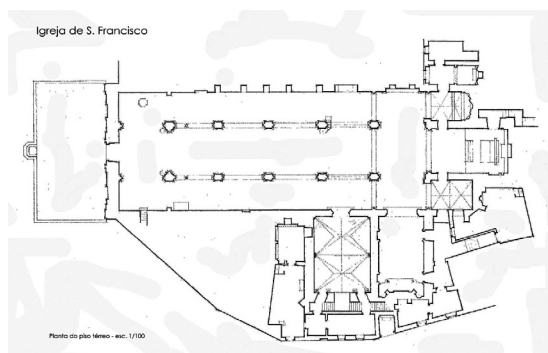


Fig. 8 - Estremoz. Planta da igreja.



Fig. 9 - Estremoz. Vista do interior do claustro do antigo convento.



Fig. 10 - Estremoz. Corte esquemático do património construído e paisagístico da Igreja de S. Francisco.



Fig. 11 – Montemor-o-Novo. Localização do antigo Convento de S. Francisco.

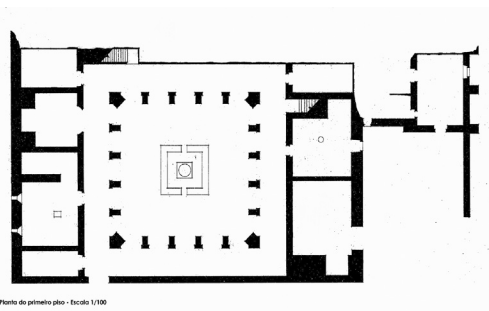


Fig. 12 – Montemor-o-Novo. Planta do que subsiste do antigo Convento de S. Francisco.



Fig. 13 – Montemor-o-Novo. Vista de um pormenor do remate do alçado principal da igreja do Convento de S. Francisco.



Fig. 14 – Montemor-o-Novo. Vista do alçado principal da igreja do antigo Convento de S. Francisco.



Fig. 15 – Montemor-o-Novo. Corte esquemático do património construído e paisagístico do Convento de S. Francisco.



Fig. 16 – Portel. Localização Convento de S. Francisco dos Capuchos da Piedade.



Fig. 17 – Portel. Vista global do conjunto.



Fig. 18 – Portel. Vista antiga da Igreja do Convento de S. Francisco dos Capuchos da Piedade.



Fig. 19 – Portel. Vista posterior do antigo convento.

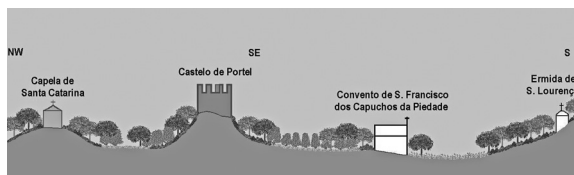


Fig. 20 – Portel. Corte esquemático do património construído e paisagístico do Convento de S. Francisco dos Capuchos da Piedade.



Fig. 21 – Redondo. Localização do Convento de S. António da Piedade.

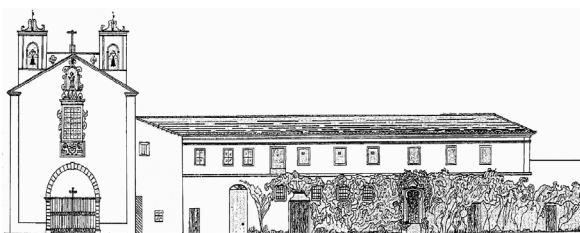


Fig. 22 – Redondo. Alçado principal do Convento de S. António da Piedade.



Fig. 23 – Redondo. Vista do conjunto do Convento de S. António da Piedade.



Fig. 24 – Redondo. Vista do alçado principal da Igreja do Convento de S. António da Piedade.

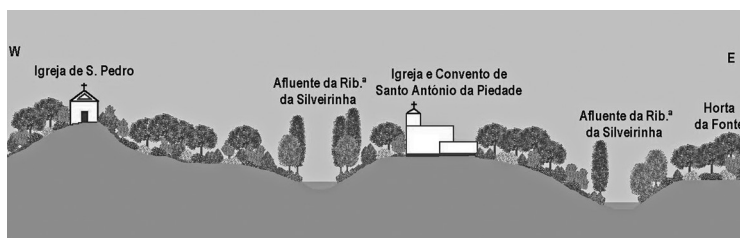


Fig. 25 – Redondo. Corte esquemático do património construído e paisagístico da Igreja e Convento de Santo António da Piedade.



Fig. 26 – Viana do Alentejo. Localização do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade.



Fig. 27 – Viana do Alentejo. Vista do alçado principal Convento de N.ª Sr.ª da Piedade.



Fig. 28 – Viana do Alentejo. Vista do interior do claustro do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade.

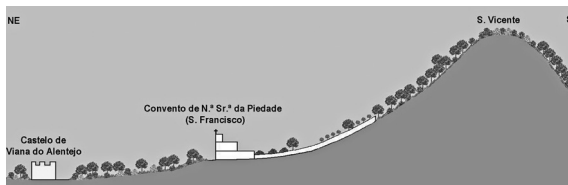


Fig. 29 – Viana do Alentejo. Corte esquemático do património construído e paisagístico do Convento de N.ª Sr.ª da Piedade.



Fig. 30 – Vila Viçosa. Localização do Convento dos Capuchos.



Fig. 31 – Vila Viçosa. Vista do alçado principal do Convento dos Capuchos.



Fig. 32 – Vila Viçosa. Vista posterior do Convento dos Capuchos.



Fig. 33 – Vila Viçosa. Vista do alçado principal da igreja do Convento dos Capuchos.

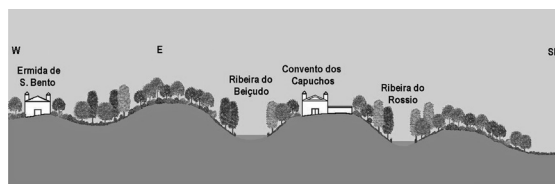


Fig. 34 – Vila Viçosa. Corte esquemático do património construído e paisagístico do Convento dos Capuchos.